

Data: 06.03.2021

Título: Um ano entre crenças e lições

Pub:
Diário de Notícias



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 2;12

OPINIÃO HOJE

**Viriato
Soromenho-
-Marques**
**Um ano entre
crenças e lições**
PÁG. 12

Área: 328cm²/ 15%

FOTO Tiragem: 15.750

Cores: 4 Cores

ID: 7078004



Opinião Viriato Soromenho-Marques

Um ano entre crenças e lições

Depois do acidente nuclear de Chernobyl (1986) acreditei que perante a brutalidade do evento todos os malefícios da indústria nuclear ficassem duradoura-mente à vista, e cheguei a propor a categoria de “pedagogia da catástrofe”.

Depois disso tivemos o ainda maior desastre japonês de Fukushima (2011), cuja gravidade levou a Alemanha a acelerar o encerramento das suas centrais nucleares. Contudo, sou obrigado a reconhecer que a combinação entre a higiene psicológica do esquecimento e a “indústria da mentira organizada”, citando uma expressão de Hannah Arendt, reduz o alcance da minha proposta.

Hoje penso que a crença – herdada, inculcada, propagandeada ao longo da vida pelos interesses que dela se servem – tem precedência sobre o conhecimento. Se uma tragédia, por mais veemente que se afigure, puser em causa uma crença rudimentar, mas poderosa e confortável, não há qualquer garantia de as lições da tragédia serem aprendidas.

Voltando ao meu exemplo do nuclear: num recentíssimo livro, Bill Gates, o santo patrono dos bilionários filantropos, colocou o nuclear no lado dos remédios para a emergência climática. A lição da catástrofe escrita na areia, até ser apagada pela nova maré cheia...

Será que aprenderemos alguma coisa com esta pandemia global, que nos ata-

ca em vagas sucessivas? Para todos aqueles que quando a tragédia começou já tinham uma resposta na ponta da língua, a crença prévia blindou qualquer possibilidade de aprendizagem. Não apenas cretinos certificados, como Trump e Bolsonaro, ou os milicianos das teorias conspirativas para quem o mundo é desprovido de mistério, mas também intelectuais como Giorgio Agamben não se sentiram interpelados pela voragem de interrogações e incertezas contidas no advento da covid-19. Foram ao baú dos seus preconceitos e fantasias, ou das suas sofisticadas grelhas teóricas e – imitando o Dr. Pangloss do *Candide* de Voltaire – decretaram que o assunto ficava demonstrado com um definitivo silogismo...

A covid-19 oferece hoje o espetáculo do maior campo de batalha entre a reafirmação dogmática da crença e a procura esforçada de um conhecimento que possa ser útil para salvar vidas e evitar tragédias futuras ainda maiores. Essa batalha ganha contornos claros quando se resume o objetivo final da luta contra a pandemia como sendo o regresso à normalidade. Para os partidários da crença, a pandemia não precisa de ser explicada, mas sim vencida, para podermos retomar o ritmo do crescimento económico ativo em 2019. Para quem, pelo contrário, insiste na necessidade de conhecer a raiz causal da pandemia, é na própria normalidade que se encontram as sementes do mal que nos aflige. Já em 2019, o mundo sabia que estamos a descer o perigoso declive da crise ambiental e da emergência climática. A União Europeia foi ao ponto, no final desse ano, de fazer do Plano Ecológico Europeu a sua bandeira estratégica.

É hoje inegável que a covid-19, como todas as novas doenças nascidas da destruição da biodiversidade, fazem parte integrante da crise ambiental e climática. As medidas de recuperação e resiliência, apesar de aspetos positivos, estão ainda carregadas de uma dolosa pegada ecológica – de aeroportos e minas à agricultura e silvicultura intensivas. Mais entropia, mais impactos, menos serviços dos ecossistemas. É tempo de libertar a vontade e a imaginação coletivas das correntes que nos prendem a um passado sem janela para o amanhã.

Professor universitário

“

As medidas de recuperação e resiliência, apesar de aspetos positivos, estão ainda carregadas de uma dolosa pegada ecológica.

